

Fernando Andrade

Se a vida fosse um vinil

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2022

O quadro pensante

Ele estava na frente de uma fotografia de um senhor bem velho. Com um sorriso no canto dos lábios que podia se confundido com um esgar de dor. Pensamento que lhe veio à mente, talvez, por causa dos olhos tristes. Uma coisa não batia com a outra. Estava mais para um ricto de dor, talvez pelo que ele sabia devido à doença que o acometia quando tirou a foto. A foto tinha emoções contrabalançadas em tons ora misericordiosos ora em flagrante elevação, algo como uma **esperança**.

Na sala, um sofá com uma garota de seus 17 anos, sentada e tomando uma cerveja. Ela olhava para a cena do hóspede olhando a foto. E tinha na hora alguma expectativa de ouvir o que ele diria quando se virasse para ela. Ele se sentindo observado; não sabendo mais se comportar diante da foto até que a porta abriu e entrou Lê. Percebeu ele ali parado e disse vamos para a cozinha?

Os dois entraram no corredor que seguia direto passando pelos quartos até o lugar mais aprazível para se dialogar, pois ali enquanto Lê fazia alguns sanduíches e

abria a geladeira para catar alguns ingredientes adicionais, ele sentava na cadeira da mesa e se conectava através do celular aos sites de músicas que tinham algumas canções folks na qual ele apostava que sua melancolia ali pudesse se desanuviar. Pode ser uma do Nick Drake? Para mim, tá bom. Do jeito que você me olha, parece que está adequado. Que jeito eu te olho? Você parece um gato. Sou mais solto do que isso? Tô mais para um bípede que anda, mas se desgarra quando quer — Parceiro, quem corre por gato não se cansa. Eu alinho meus pés passo a passo, e vou vendo o entorno.

Conto do gato Beckettiano

Nesta linda página em branco deixarei minhas pegadas. Serão leves como as patas de um felino. Deixe que me faça apresentar, Sou Bek, o gato Beckettiano, aquele que passou a vida nos palcos, mas não andou em cima do muro. PT saudações. Não gosto de lados, embora ache que meu lado mais perfeito seja o de trás onde existe meu rabo. Mas não gosto de passado, a não ser a carne em todos os ingredientes possíveis para uma boa mastigação. Não vim aqui para fábulas, ou vocês acham que sou um narrador moral? Neste meio tempo, vi muita cobra virando vacina. A paranoia parece que anda solta, o medo do contato voltou. Ora dizem que os gatos são desconfiados e ariscos. Mas digo que nem o rato, agora, rói a roupa. Mas voltando ao muro, esta imagem que o gato fica em cima dele, é uma balela! Nunca nos equilibramos em cima de qualquer um. Até preferimos os becos, as latas de lixo, com algum resto de peixe. Ainda mais agora que o muro parece servir de fronteira ao pensamento. Já disse, sou

um gato de palco, onde sondo a alma terrestre, nem a humana, pois não acredito que o homem vá se salvar durante muito tempo. O planeta, talvez, sim. Mas queria falar sobre a questão da filosofia, que dizem ser dos gatos? Até já ouvir dizer que nós somos Socráticos. Que devido a nossa falta de dependência dos outros, olhamos a vida com certa mordacidade labial, e nossos caninos parecem ser também uma figura de linguagem. Convivemos bem com a maioria, mas não somos colados a quem quer seja. Para ser um gato Beckettiano é preciso um pouco de solidão; de lambar as próprias feridas, até que elas fechem. Claro que vocês vão dizer que não dominamos a linguagem como um bom autor. Nosso miado é uma linguagem, oras, muito da estrangeira. Todo escritor se faz nesta língua estrangeira. Nosso olhar ferino está em filtrar as redundâncias, os ruídos. Estamos aí pelas casas de nossos amigos, brincando com lã, cozendo fios narrativos, olhando as janelas da alma. O gato é um adorador de distâncias e alturas. Nossos olhos são um raio x da métrica dos espaços, por isso gostamos tanto de poesia. Embora não seja um gato versado, gosto de leituras, principalmente do haikai, que parecem o pulo do gato. Um gato sempre sonda, afia com suas unhas uma leitura intersticial, das sombras, das fendas, pois nesta nossa época é preciso ler por sob os escombros. Nossas ações com nossos amigos revelam detalhes sobre acontecimentos, observar os gatos parece ser uma forma de antever esta praga que é a obediência.

LADO A

A poética da casa

1

Luz poente
tão perto medi o cobertor
tão de perto perdi o amor
postei um pôr do sol
com o olhar aquela luz poente
estou perto, longe
estou certo? Referente
aqui não vou aludir ao hoje
um dia de cada vez
hoje vejo as doze badaladas da matina
e o passeio nesta parte citadina

2

Sigilo, argila, sibila
nesta argamassa
têm-se mãos de telhas
a casa já foi velha
remoçou com o nosso amor
deste telhado
cai o céu estrelado
e no cacho de amoras
há borboletas violetas
eu a fazer poemas
do jardim
neste fim de dia
a casa disse
a voz é do pai
a casa ama a
a mesa da mãe

sobre a sagrada
trindade
a fogueira crepita pães

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2022.
